

ESCRITOS NEGROS: NOTA SOBRE EDUCAÇÃO E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA NA IMPRENSA NEGRA DE ONTEM E DE HOJE

LOS ESCRITOS NEGROS: APUNTE SOBRE LA EDUCACIÓN Y
PARTICIPACIÓN POLÍTICA EN LA PRENSA NEGRA DE AYER Y DE HOY

Leandro José dos SANTOS

Mestre em Sociologia. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras. Pós-Graduação em Sociologia. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 – leannndro.s@gmail.com

RESUMO: Percorrendo o caminho traçado pela imprensa negra, percebe-se que sua produção primou, desde a sua origem, por reivindicações de integração, participação democrática e distribuição equânime, entre negros e brancos, de todos os recursos públicos. Nota-se que tal imprensa tem sido uma ferramenta importante na busca da efetivação da ‘cidadania plena’ para o negro brasileiro, ela evidenciou o negro ciente e consciente de sua condição de cidadão negro.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação. Educação. Identidade negra. Imprensa negra. Participação política.

RESUMEM: *Discurriendo el camino trazado por la prensa negra, se percibe que su producción primó, desde su origen, por reivindicaciones de integración, participación democrática y distribución ecuánime, entre negros y blancos, de todos los recursos públicos. Se puede notar que tal prensa ha sido una herramienta importante en la búsqueda de la efectivación de la ‘ciudadanía plena’ para el negro brasileño, y que ella evidenció el negro esciente y consciente de su condición de ciudadano negro.*

PALABRAS CLAVE: *Comunicación. Educación. Identidad negra. Prensa negra. Participación política.*

1 Raízes sócio-históricas de uma imprensa negra

O estudo dos jornais publicados pela população negra evidencia que essa imprensa foi uma mola capaz de fazer os movimentos sociais negros refletirem sobre as especificidades de seus anseios, suas reivindicações, e, acima de tudo, permitiu a homens e mulheres negros refletirem sobre as condições sociais, econômicas, políticas e culturais em que estavam inseridos.

Ao falar sobre os primórdios dos jornais negros no Brasil, José Antônio dos Santos (2009, p.3) entende que a imprensa negra é “[...] o conjunto dos jornais que foram publicados, a partir do século XIX, com a intenção de criar meios de comunicação, educação e protesto para os leitores aos quais se dirigia”.

Criado na Tipografia Fluminense de Paula Brito, na capital do Império, o primeiro jornal da imprensa negra brasileira, o pasquim *O homem de Côr*, surge em 1833. Logo em seu nascedouro, a imprensa negra engendra uma discussão que ainda hoje não foi efetivamente resolvida, que diz respeito à distribuição de recursos públicos e exercício pleno da cidadania entre os diversos segmentos populacionais de forma verdadeiramente isonômica. Mas, mesmo que a gênese da imprensa negra tenha sido marcada pelo *O homem de Côr*, em 1798 era possível verificar os negros de Salvador organizarem a Revolta dos Búzios utilizando manifestos escritos – jornal mural – como veículo aglutinador. Tais manifestos, classificados de “papéis sediciosos” pelas autoridades, foram “[...] afixados em locais de destaque, sendo um deles colado próximo ao palácio do próprio governador, D. Fernando José de Portugal e Castro. Foram afixados durante a noite, provavelmente por mais de uma pessoa, dados os locais onde apareceram.” (TEIXEIRA, 2009, p.3). Esses “papéis” foram o meio que aqueles sujeitos encontraram para comunicar publicamente alguns de seus códigos e para comunicar à sociedade o repúdio às desigualdades sociais e à discriminação sofrida pelos “pretos e pardos” no período colonial.

A partir da experiência de *O Homem de Côr*, outros jornais foram criados no Rio de Janeiro do século XIX. Os jornais *Brasileiro Pardo* (1833), *O Cabrito* (1833), *O Crioulinho* (1833) e *O Lafuente* (1833) insistiram em denunciar o corriqueiro “preconceito de cor” nos espaços públicos tanto da Corte quanto de outras localidades do país.

Em 1876, na capital da Província de Pernambuco encontramos o jornal *O Homem – realidade constitucional ou dissolução social*. Aqui, o caráter de denúncia e reivindicações é o mesmo dos jornais anteriores. Mas, neste caso específico,

o próprio título do jornal já revela um coeficiente de frustração dos segmentos populacionais negros frente às políticas governamentais. Em seguida será a vez de São Paulo e Porto Alegre criarem os seus jornais negros. Por São Paulo é publicado os jornais *A Pátria – orgam dos homens de côr* (1889) e *O Progresso – orgam dos homens de côr* (1889), em Porto Alegre publica-se *O Exemplo* (1892). Este último, segundo Ana Flávia Pinto (2006), ultrapassou as barreiras do século XIX e continuou a ser publicado até meados do século XX.

Sobre esses jornais – ainda é preciso dizer – possuíam orientações políticas, estratégias de luta, tiragem e duração variadas. Entretanto, também é necessário lembrar que aqueles periódicos tinham objetivos muito aproximados: a construção e o reforço de laços identitários entre os negros, alicerçados, entre outros aspectos, ao processo de mobilidade social dos segmentos populacionais pretos e pardos – seja através do trabalho, seja através da educação escolar.

Sobre os jornais negros publicados após a abolição deve-se também destacar que eles “[...] tinham um escopo, interesse temático e circulação muito mais amplos, discutiam a questão do mulato enquanto um problema que atingia todos.” (SANTOS, J., 2009, p.5). Segundo Santos, os jornais negros do período republicano entendiam que o estigma da cor preta ou parda era reflexo da ignorância da sociedade brasileira daquele momento, para este autor, a sociedade branca repudiava todos eles – “pretos e mulatos” – enquanto indivíduos sem instrução.

Entretanto, a despeito do que diz José Antonio Santos, a questão da cor foi um fator de fundamental importância para a criação desses periódicos, afinal, um dos objetivos dos protagonistas dessa imprensa consistia em acessar os principais códigos de comunicação e comportamento da elite política e econômica brasileira e o jornal foi a maneira que aqueles negros encontraram para terem aceitação e participarem efetivamente da vida em sociedade. Assim, os jornais negros propunham e caracterizavam a instrução como o principal meio de disputa no mercado de trabalho, eles visualizavam na escolarização a possibilidade de integração racial, ascensão social e conquista de direitos para os negros.

Esses primeiros jornais são uma prova de que, a despeito de inúmeros mecanismos institucionais do Estado, dentre os quais a escravidão, o racismo e o racismo institucional, os afrobrasileiros conseguiram formular uma fala própria e torná-la pública. Ademais, mesmo que esses impressos não tenham alcançado simultaneamente todo o território, argumenta Pinto (2006, p.28), “[...] eles são parte do esforço coletivo de controlar os códigos da dominação e subvertê-los”.

2 As especificidades da imprensa negra paulista

Nos primeiros anos do século XX a imprensa negra paulista foi marcada pela produção de pequenos jornais, que nasceram com o intuito de reivindicar direitos visando alcançar a integração e a participação efetiva do negro nos diversos campos da sociedade brasileira. Por meio desses jornais o negro fortalece sua consciência e solidariedade étnicas e, a partir daí, diversos segmentos negros se organizam para preservar sua cultura frente à sociedade que os discriminava. O editorial desses periódicos defendia o fortalecimento dos grupos negros através da positivação dos valores e representação política próprios. Por isso, esses jornais se caracterizam como uma imprensa de integração, enquanto veículo de transmissão de ideias que deram visibilidade às atividades da população negra. Nessas publicações havia a preocupação em incentivar e cultivar a educação formal da população negra, pois se acreditava que o aprimoramento educacional era o principal instrumento de elevação de status.

[Na imprensa negra] se encontram estilos de comportamentos, anseios, reivindicações e protestos, esperanças e frustrações dos negros [...] sempre exprimindo, de uma forma ou de outra, o universo da comunidade. Lá estão os [...] acontecimentos sociais; lá está o intelectual negro fazendo poesias; lá estão os protestos contra a marginalização do negro. (MOURA, 1988, p.205).

Num primeiro momento desse tipo de jornalismo no século XX, afirma Mirian Ferrara (1986, p.29-30), “[...] há a tentativa de integração do negro na sociedade brasileira e a formação de uma consciência que mais tarde ganha força. Com a fundação do jornal *O Clarim da Alvorada*” (1924). Esta fase é marcada pela manifestação de um discurso que visa tirar a população negra da situação marginal. Muitas publicações indicavam as regras e condutas que deveriam ser seguidas pelos membros das respectivas comunidades, mesmo que a preocupação central fosse a integração e a formação de uma consciência negra coletiva, muitos editoriais valorizavam a sobriedade, os bons costumes e o amor ao trabalho, demonstrando o apego aos valores éticos e morais puritanos, que também eram utilizados como instrumento de protesto contra o preconceito de cor.

A imprensa negra paulista atinge grande importância em 1931 com a organização da Frente Negra Brasileira e o seu jornal: *A Voz da Raça* (1933), que representou as organizações negras. Mesmo contando com a organização da Frente Negra Brasileira e com o caráter mais combativo do *A Voz da Raça*,

nesse momento ainda está em voga a ideia de que o negro deveria igualar-se ao branco por intermédio da instrução. Mas, através do jornal, a Frente Negra Brasileira afirmava a identidade negra mediante a reivindicação de direitos sociais e políticos.

A partir de 1945 a imprensa negra é marcada por um movimento de grandes reivindicações políticas. Havia muitos negros se filiando a partidos políticos e se candidatando a cargos eletivos. Pois, vivendo numa sociedade que a discriminava, a população negra era impedida ao livre acesso a algumas ocupações, o que limitava a sua participação na vida político-institucional brasileira. Diante disso, muitos grupos negros optaram pela criação de instituições políticas próprias, entidades negras independentes, tais como clubes de lazer, escolas de samba, órgãos culturais, etc. Essas instituições reivindicaram publicamente o direito dos segmentos populacionais negros à cidadania. (SOUZA, 2007).

Mesmo exercendo o controle social através de uma ética que primava pelo “bom comportamento” social e moral dos grupos negros, muitos jornais foram ganhando feições mais políticas e exercendo ações de cunho político-reivindicatório, os jornais *O Clarim da Alvorada* e *A Voz da Raça* são bons exemplos disso.

Esses jornais negros foram utilizados com fins nitidamente políticos, numa tentativa incessante de elaborar uma ideologia para os segmentos negros. Era por intermédio daqueles jornais que se sabia onde aconteciam as festas religiosas, competições esportivas, bailes, aniversários, casamentos e outros eventos da comunidade negra. Foi por meio de sua imprensa que o negro conseguiu expressar sua opinião, expor sua cultura, mostrar suas reivindicações e pôde fazer comentários e críticas sobre determinados assuntos. E, na medida em que a população negra soube potencializar aqueles jornais como um instrumento para efetivação de seus interesses, ela conseguiu criar o indivíduo consciente e ciente de seus “direitos” e “deveres” na sociedade. A imprensa negra conseguiu criar o cidadão negro ciente e consciente de sua condição de “cidadão negro”.

A despeito de qualquer coisa, os jornais negros foram importantes porque conseguiram “[...] criar uma esfera de reconhecimento e sociabilidade para a classe média negra e alimentar a reverência a ícones negros, principalmente os grandes homens da raça, tais como Cruz e Souza, José do Patrocínio, Luis Gama e outros.” (GUIMARÃES, 2003, p.266). Referindo-se ao jornal *Quilombo* (1950), Guimarães afirma que esse jornal inaugura uma real inserção

da *intelligentsia* negra brasileira na vida política nacional, “negra” não apenas na cor, mas, e principalmente, na identidade.

Esses jornais foram responsáveis pela formação de uma negritude brasileira e nacionalista. Segundo a interpretação que fazemos de Guimarães (2003), é possível dizer que esses jornais, acima de tudo, estabeleceram um compromisso, qual seja: a negociação de uma identidade racial e cultural para os negros brasileiros, uma identidade que, embora se subjugasse à nacionalidade brasileira, mantinha a negritude como singularidade da cultura e identidade que se queria.

3 A imprensa negra na era da segmentação da cultura

Ao analisar os jornais negros que surgiram a partir da década de 1980, Muniz Sodré (1998, p. 242) verifica que eles:

[...] refletiam as linhas ideológicas e emocionais do ‘Movimento Unificado contra a Discriminação Racial (MNU)’, que pretendia desmontar o mito da democracia racial brasileira e montar estratégias anti-racistas. Esvanecem-se os discursos reivindicativos e pedagógicos, as preocupações com ordenamento familiar e formação profissional, dando lugar a enunciados de denúncia do preconceito de cor, análises da consciência discriminatória, as informações históricas sobre colonialismo e escravatura, a esparsos juízos afirmativos de identidade negra que procuram resgatar os valores políticos das lutas anti-coloniais na África. Ao mesmo tempo, fundam-se em universidades e fora delas centros de estudo em torno da categoria ‘cultura negra’, que abrange os cultos, os costumes e os jogos afro-brasileiros.

Ou seja, produzidos em outro contexto sócio-histórico, esses jornais compõem outra etapa da imprensa negra brasileira ao abandonar aquele discurso de inclusão por meio da educação, do trabalho e da ética puritana de outrora. O que se quer agora não é apenas denunciar o preconceito de cor e o racismo, mas propor uma análise mais acurada da consciência discriminatória, bem como propor informações sobre a cultura e a história do negro brasileiro. O que se busca, nesse novo momento, é afirmar positivamente a identidade negra por meio do resgate de valores culturais e políticos. Assim, a imprensa negra ganha mais relevância quando os discursos sociais hegemônicos desempenham funções visíveis no que diz respeito à produção e reprodução do preconceito e do racismo, isto é, a imprensa negra toma outro sentido quando inserida no contexto mais amplo do racismo institucional praticado tanto pelas diversas

instâncias do Estado quanto pelos grupos políticos, econômicos e intelectuais hegemonicamente constituídos.

Assim, em meados da década de 1990 a imprensa negra ganhou novos aliados. Alguns grupos passaram a produzir informações mediadas pelo computador e os segmentos populacionais negros passaram a se comunicar via internet. Só para citar um dos pioneiros, em 1996 surge o *Ìrohìn*, editado como um boletim informativo, cujos objetivos incluíam acompanhar e analisar a atuação e conduta dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário no âmbito Federal no que diz respeito à população afro-brasileira. Esse boletim nasce como fruto da movimentação em torno da “Marcha Zumbi 300 anos, contra o Racismo, pela Cidadania e a Vida”, realizada em 1995. Sediado em Brasília, os primeiros anos do *Ìrohìn* são guiados por dois objetivos:

Articular as organizações do movimento negro para acompanhamento de políticas governamentais de promoção da comunidade afro-brasileira por meio da capacitação de lideranças negras para esse acompanhamento; e acompanhar a atuação do Congresso Nacional em assuntos diretamente relacionados aos direitos e promoção da comunidade afro-brasileira. (ÌROHÌN, 2009).

A partir do ano 2000, para além do conteúdo oferecido aos membros das organizações negras, particularmente aqueles sem acesso aos assuntos relacionados à Administração Pública, o *Ìrohìn*, por meio de cursos realizados em parceria com a Escola Nacional de Administração Pública (Enap), dedica-se às atividades de capacitação de membros de organizações negras em assuntos relacionados à Administração Pública.

Em 2004 o *Ìrohìn* inaugura uma nova fase ao editar o jornal tablóide *Ìrohìn*, que aparece com a tarefa de informar a comunidade sobre assuntos não tratados pela grande imprensa e diretamente relacionados ao cotidiano dos negros brasileiros: “[...] racismo, discriminação racial, ações protagonizadas por organizações e comunidade negras, insuficiência das políticas públicas no atendimento às necessidades da população afro-brasileira, produção cultural, direitos humanos, entre outros assuntos.” (ÌROHÌN, 2009).

Em 1997 funda-se a *Afrobras*, que reúne intelectuais, autoridades e personalidades com a finalidade de trabalhar pela inserção sócio-econômica, cultural e educacional da população negra brasileira, em especial os jovens negros. Por intermédio de seu portal, a *Afrobras* realiza atividades de formação, qualificação e assessoria em ações afirmativas, mediante informações sobre o

negro brasileiro, artigos e entrevistas de autoridades e personalidades cujos temas envolvem a população negra. A intenção do Afrobras, através do seu mais novo portal de informações, a Afrobrasnews, é: trazer “[...] informações sobre o negro não apenas no Brasil, mas no mundo como um todo. O objetivo da agência é fazer com que todos aqueles que lutam pela diversidade em nosso país tenham uma fonte de informação.” (AFROBRASNEWS, 2011).

A partir de 2003, a Afrobras começa editar, em parceria com a Universidade Unipalmarensis, a *Revista Afirmativa*, com o objetivo de “oferecer um espaço para as discussões dos problemas e entraves da realidade dos negros na sociedade brasileira”. Em artigos, reportagens, entrevistas e opinião de personalidades de várias vertentes políticas, raciais, sociais e religiosas, a revista aborda os principais temas de interesse dos afrobrasileiros.

Em meio à segmentação e diversificação dos produtos midiáticos, em 1996 surge a revista *Raça Brasil*. A revista também possui um posicionamento editorial que prima pela ética do trabalho e da educação; ela firma um posicionamento em relação às ações governamentais e inserção do negro no mercado de trabalho e preocupações referentes à diversidade racial; além disso, *Raça Brasil* também oferece estímulos para que os seus leitores persistam na luta pelos seus direitos, luta que inclui também o direito ao consumo e à visibilidade nos meios de comunicação hegemônicos. Nessa revista também encontramos elementos que contribuem positivamente para a elevação da auto-estima das populações negras, que é estimulada por meio da publicação de biografias e discussões relacionadas ao preconceito étnico-racial, tal qual faziam os primeiros jornais negros.

A primeira edição da revista vendeu cerca de 300 mil exemplares e esse sucesso foi creditado a alguns fatores: inicialmente, *Raça Brasil* foi a primeira revista voltada estritamente para o público negro, que não se sentia contemplado pelo mercado editorial brasileiro. Somado a isso, a revista nasceu com uma proposta editorial cujos objetivos buscavam o resgate e a valorização da auto-estima do negro brasileiro, que não se via representado positivamente nos outros instrumentos da mídia. O terceiro ponto importante está atrelado ao número de anúncios publicitários de produtos (cremes e xampus para a pele e o cabelo, maquiagens, etc.) e serviços (cabeleireiros/as, maquiadores/as, estilistas, etc.) direcionados especificamente aos consumidores e consumidoras de pele negra.

Segundo Leandro José Santos (2009a, p. 09), *Raça Brasil* “[...] nasceu na ânsia em querer explorar o potencial econômico de uma classe média negra com alto poder de consumo e que emergia no ambiente urbano e também queria

se ver representada na mídia”. Por isso mesmo, uma análise mais aprofundada sobre essa revista deve levar em conta o seu “[...] posicionamento diante da competitividade capitalista na economia de mercado.”

Inserido nesse contexto do jornalismo de revista, a Casa de Cultura da Mulher Negra de Santos criou, em 2001, a revista *Eparrei*. Na verdade, *Eparrei* é uma publicação do movimento negro, que desde 1993 circula em formato tablóide – *Jornal Eparrei*. O jornal era distribuído gratuitamente nos eventos que havia a participação da Casa de Cultura da Mulher Negra. O jornal abordava temas relacionados às questões políticas e culturais de interesse da população negra, além de apresentar denúncias de racismo e violência contra a mulher.

Em 2001, ao ser transformado em revista, o *Eparrei* alargou o seu leque de ação. A revista *Eparrei*, editada semestralmente, traz conteúdos que vão desde as questões políticas e culturais até assuntos ligados à profissionalização, educação e estética das mulheres negras, assim temos uma revista que aborda assuntos ligados à: culinária, artesanato, vestimenta, programação cultural, entrevistas (políticos, escritores e intelectuais negros), histórias dos orixás, história e cultura africana e afrobrasileira. Além disso, a revista também é editada com vistas a trabalhar a auto-imagem e a auto-estima dos seus leitores e leitoras. Segundo Elaine de Souza Almeida (2009, p.11) “[...] a revista *Eparrei* pode ser considerada um veículo que pratica o jornalismo de proximidade. A entender: jornalismo de proximidade é aquele que leva em consideração as necessidades da população e que vai buscar suas fontes dentro do coração do povo.” Segundo essa autora, *Eparrei* pode ser considerada um importante veículo de comunicação no movimento popular negro, tendo em vista o patrocínio que a revista realiza em prol à educação, à cultura e à projeção da auto-estima dos homens e mulheres negros. Além disso, é importante frisar as contribuições que o periódico oferece não apenas aos membros da comunidade local e aos movimentos negros, mas também os subsídios que a revista tem dado aos diversos segmentos da área da educação, para os profissionais da mídia e pesquisadores das populações afrobrasileiras.

Nessa mesma linha, como já apontamos acima, a ONG Afrobras em parceria com a Unipalmarens criou, em 2003, a revista *Afirmativa Plural*, que é uma revista publicada bimestralmente e aborda diversos temas de interesse da população afrobrasileira, tais como: educação, cultura, responsabilidade social, cidadania, tendências para o mercado de trabalho, além de editoriais de

economia e negócios, turismo (nacional/internacional), empreendedorismo, saúde, tecnologia e artigos diversos.

Ademais, em maio de 2004, em meio às discussões e resoluções da III Conferência Mundial contra o Racismo a Xenofobia e a Intolerância, realizada pela ONU, a ONG ABC Sem Racismo cria a *AFROPRESS*, que se constituiu como uma “Agência Afroétnica de Notícias”. Segundos os seus criadores:

A proposta da *AFROPRESS* é se tornar uma dessas ‘boas práticas’; constituir-se em espaço de diálogo dos negros nos cinco continentes; dos vários rincões do Brasil às Américas do Sul, Central e do Norte; da Mãe África espoliada desde sempre pelos vários tipos de colonialismo à velha Europa, onde o racismo e a xenofobia mostram os dentes sujos de sangue nos estádios de futebol em alegres tardes de domingo. (*AFROPRESS*, 2009).

Assim, a *AFROPRESS* foi criada para ser um verdadeiro instrumento de combate ao racismo e à xenofobia, tal como proclamado pela Conferência de Durban. A intenção dessa agência de notícias é ser uma ferramenta de combate ao racismo em escala global, não se prendendo às questões pertinentes apenas aos afrobrasileiros, mas a todas as populações negras e afrodescendentes, bem como os demais povos e grupos étnicos que sofrem racismo e discriminação. A linha editorial da *AFROPRESS* comporta reflexões proposta em “artigos escritos por pesquisadores, educadores, militantes e lideranças do movimento social negro”, bem como as contribuições de vários colunistas da própria agência.

Recentemente foi inaugurado mais um portal negro na rede mundial de computadores: o *África.com.br*. Levado ao ar em 2008, o portal objetiva “levar aos internautas o interesse pela temática racial”. Ou seja, através da comunicação mediada pelo computador e pelo ciberespaço esse portal pretende ser “mais uma ferramenta para discutir e propor soluções para retirar a população negra brasileira e de outras regiões do mundo da condição de invisibilidade social, política, econômica e cultural em que se encontra”. A proposta editorial desse portal inclui a formação de cidadãos cientes e conscientes sobre as relações étnico-raciais no Brasil e no mundo, mantendo-os informados, inclusive, sobre a grandiosidade e a riqueza da cultura africana, afrobrasileira e as demais culturas afrodiáspóricas. (*ÁFRICAS*, 2009).

A proposta dessas novas mídias negras inclui uma pedagogia de formação, informação e conscientização, seja das comunidades negras seja da sociedade como um todo, aos problemas advindos do racismo no Brasil e no mundo.

Assim, a imprensa negra primou, desde o seu nascedouro, pela necessidade das populações negras brasileiras tomarem conhecimento sobre a temática étnico-racial, o racismo e sobre a cultura negra em geral. Tudo isso sem perder de vista as informações e notícias geradas sobre os grandes temas da atualidade no Brasil e no mundo.

4 Conclusões

Com isso, concluímos que as novas instituições da mídia são utilizadas não apenas para afirmar a identidade e a existência da população negra; elas servem, sobretudo, para firmar a solidariedade étnica, pois é por seu intermédio que se fica sabendo sobre os acontecimentos e feitos das comunidades negras. É por meio de sua imprensa que os segmentos negros conseguem expressar suas opiniões, expor suas culturas, mostrar suas reivindicações, bem como podem fazer comentários e críticas sobre determinados assuntos, além de reivindicar seus direitos.

A imprensa negra, ao adentrar na era da informática, do ciberespaço e da internet¹, ela o faz com a ciência de que a comunicação é algo vital, seja para os indivíduos seja para os movimentos sociais. Em verdade, os promotores da mídia compreendem que a comunicação serve não apenas como um instrumento para proporcionar visibilidade e o convívio social, mas que a comunicação é um dos principais mecanismos para o exercício do poder. A comunicação é essencial para garantir a existência social de qualquer pessoa ou grupo de pessoas. É por isso que é vital para as comunidades negras a criação de mecanismos que lhes proporcione a produção e a transmissão de mensagens que valorize a tradição, a cultura e as maneiras de ser de cada uma das populações afrodescendentes espalhadas pelo globo.

Nesse sentido, a produção, a circulação e a apropriação de informação com um recorte étnico-racial, integrada a uma rede de sites e portais interessados em discutir a condição das populações negras em escala planetária é de extrema importância para desenvolver a comunicação e a solidariedade entre as populações afrodiáspóricas.

Além disso, cabe ressaltar que foi através das instituições da mídia – em especial a mídia escrita – que o segmento populacional negro brasileiro

¹ Neste item seria possível apresentar um tratado sobre as diversas redes de comunicação que são criadas através dos sites de relacionamento e páginas pessoais na internet (Orkut, Blogs, Twitter, Facebook, grupos de discussão, sites de organizações não governamentais, etc.).

pôde desenvolver uma ideologia pública visando a manutenção dos valores e representações negras frente a uma sociedade que discrimina e que não quer aceitar a cultura e a estética afrobrasileira. Por isso mesmo, o jornalismo da imprensa negra prima, desde o início, pelo fortalecimento e união dos grupos negros mediante a positivação de seus valores e representações.

Ora, o estudo das publicações midiáticas produzidas pela população negra evidencia que essa imprensa foi uma mola capaz de fazer os negros brasileiros refletirem sobre as especificidades de seus anseios, suas reivindicações, e, acima de tudo, permitiu a homens e mulheres negros refletirem sobre as condições sociais, econômicas, políticas e culturais em que a maioria dos negros estava inserida.

Por isso, esses jornais, revistas e sites da internet foram e são utilizados com fins nitidamente políticos, numa tentativa incessante de elaborar uma ideologia para o negro. É por intermédio dessa imprensa negra que se fica sabendo onde acontecem as festas, as celebrações religiosas, as competições esportivas, as formaturas, os bailes, os aniversários, os casamentos. É justamente essa imprensa que divulga as políticas públicas e as ações focadas nos afrobrasileiros, é ela que tem divulgado a produção acadêmico-científica dessa e para essa população. Além disso, é em sua imprensa que os afrobrasileiros encontram informações sobre produtos e bens direcionados a atender os seus gostos e estilos de vida.

Em suma, é por meio de sua imprensa que o negro conseguiu expressar sua opinião, expor sua cultura, mostrar suas reivindicações e pôde fazer comentários e críticas sobre determinados assuntos. Percorrendo o caminho traçado pela imprensa negra brasileira é possível assinalar que essa produção primou, desde a sua origem, pelas reivindicações de integração, participação e ascensão dos segmentos negros na sociedade brasileira.

Tal percurso nos permite dizer que a imprensa negra tem sido uma ferramenta importante na busca da efetivação da ‘cidadania plena’ do negro brasileiro, ela evidenciou o negro ciente e consciente de sua condição de cidadão negro. Enfim, a valorização da negritude e da negrice pelos sites, jornais e revistas negros foi importante não apenas para que houvesse o surgimento de uma consciência reivindicatória. Ela resultou na organização política do negro e tem permitido que o negro seja representado e que participe da vida social, política, econômica e cultural do país.

REFERÊNCIAS

ÁFRICAS. **Quem somos**. Disponível em: <http://www.portalafricanas.com.br/?pg=ver_conteudo&conteudo_id=62>. Acesso em: 05 out. 2009.

AFROBRASNEWS. **Afrobrasnews**: quem somos. Disponível em: http://www.news.afrobras.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=73&Itemid=54. Acesso em: 19 jul. 2011.

AFROPRESS. **Quem somos**. Disponível em: <<http://www.afropress.com/quemSomos.asp>>. Acesso em: 05 out. 2009.

ALMEIDA, E. S. Revista Eparrei, um veículo folkmediático. In: CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE FOLKCOMUNICAÇÃO – FOLKCOM, 7., 2004, Lajeado. **Anais...** Lajeado: Univates, 2004. Disponível em: <http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/c/c4/Revista_Eparrei_um_veiculo_folkmediatico.pdf>. Acesso em: 06 out. 2009.

BASTIDE, R. A imprensa negra do Estado de São Paulo. In: _____. **Estudos afro-brasileiros**. São Paulo: Perspectiva, 1973. p.128-156.

CEDAP. **Catálogo da imprensa negra (1903-1963)**. Disponível em: <http://www.cedap.assis.unesp.br/cat_imprensa_negra/cat_imprensa_negra.html>. Acesso em: 03 out. 2009.

FERRARA, M. N. **A imprensa negra paulista (1915-1963)**. São Paulo: FFLCH/USP, 1986.

_____. A imprensa negra paulista (1915-1963). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.5, n.10, p.197-207, mar/ago. 1985. Disponível em: <http://www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=3609>. Acesso em: 05 out. 2009.

GUIMARÃES, A. S. A. Notas sobre raça, cultura e identidade na imprensa negra de São Paulo e Rio de Janeiro, 1925-1950. **Afro-Ásia**, Bahia, n.30, p.247-269, 2003. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/pdf/770/77003007.pdf>>. Acesso em: 04 out. 2009

ÏROHÏN. **Apresentação**. Disponível em: <<http://www.irohin.org.br/exp/index.htm>>. Acesso em: 06 out. 2006.

KOFES, S. et al. Gênero e raça em revista: debate com os editores da revista Raça Brasil. **Cadernos Pagu**, Campinas, n.6-7, p.241-314, 1996. Disponível em: <<http://www.pagu.unicamp.br/files/cadpagu/Cad06/pagu06.11.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2009.

MOURA, C. **Sociologia do negro brasileiro**. São Paulo: Ática, 1988.

PINTO, A. F. M. **De pele escura e tinta preta: imprensa negra do século XIX (1833-1899)**. 2006. 197f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

SANTOS, J. A. **Imprensa negra: a voz e a vez da raça na história dos trabalhadores brasileiros**. Disponível em: <<http://www.ifch.unicamp.br/mundosdotrabalho/tex/josesantos.pdf>>. Acesso em: 26 set. 2009.

SANTOS, L. J. Apontamentos sobre a identidade mediada em Raça Brasil: fragmentos de uma imprensa negra. **Revista Urutágua**, Maringá, n.19, p.1-11, 2009. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/Urutagua/article/view/6029>>. Acesso em: 05 out. 2009a.

_____. **Apontamentos sobre a imprensa negra escrita**. Disponível em: <http://www.portalafricas.com.br/?pg=ver_noticia&id=3236>. Acesso em: 05 out. 2009b.

SODRÉ, M. Sobre a imprensa negra. **Lumina**, Juiz de Fora, v.1, n.1, p.23-32, jul/dez. 1998. Disponível em: <<http://www.facom.ufjf.br/lumina/R1-MunizSodre-HP.pdf>>. Acesso em: 28 set. 2009.

SOUZA, S L. **(Re)Vivências negras: entre batuques, bailados e devoções – práticas culturais e territórios no interior paulista (1910-1950)**. Ribeirão Preto: Edição do autor, 2007.

TEIXEIRA, M. G. **Revolta de Búzios ou Conjuração Baiana de 1798: uma chamada para a liberdade**. Disponível em: <<http://www.smec.salvador.ba.gov.br/documentos/revolta-dos-buzios.pdf>>. Acesso em: 05 out. 2009.